

Existencialismo Metafísico

Introdução

Alguns estudiosos defenderam as semelhanças entre matemática, lógica, e linguagem, enquanto outros enfatizavam as diferenças. A grande dificuldade é que as palavras das linguagens possuem significados diferentes dentro do contexto e prejudica a comparação. Os gregos antigos estudaram e investigaram as línguas e perguntavam se as palavras imitavam as coisas ou se era convenção. Eles pensaram a possibilidade da linguagem se organizar segundo uma ordem metafísica. Esta ideia buscava princípios que integrasse as semelhanças e diferenças.

Modernamente surgiram escolas que ora defendiam as semelhanças, ora defendiam as diferenças entre linguagens. Formalismo é a escola que defende as semelhanças. Em razão disto, ela prega uma gramática universal, racional, autônoma e a língua-ideal. Esta escola generaliza e trabalha com o todo. A sociolinguística é a escola que defende as diferenças. Assim defendem a gramática regional, a sociologia, a história e a língua-real. Ela estuda as particularidades e trabalha com as pessoas.

Contemporaneamente a estas escolas, o estruturalismo surgiu e esta doutrina tem ênfase nas estruturas, mas sem interesse na normatização e na história das línguas. Cada elemento da língua tem valor e diferenças, mas se relaciona com o todo. Em uma analogia com o xadrez, cada peça tem identidade, depende do seu lugar e do seu valor no jogo para relacionar com todas as outras peças. Este método deu a linguística à posição de ciência-paradigma das ciências humanas.

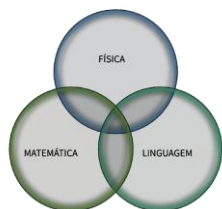
De um lado esta teoria trabalha com as identidades e suas diferenças, doutro lado trabalha com as semelhanças e o todo. Em xadrez existem peças iguais, mas o posicionamento delas no tabuleiro promove as diferenças entre elas no jogo. Pode-se sacrificar uma peça, pensando no todo, no objetivo do jogo, o xeque-mate. Em uma analogia com a vida, podemos dizer que o “eu” (fulano de tal, mora na rua tal e coisa) seria uma peça única no jogo da vida e onde estão às diferenças para com todos. Numa visão do todo, este “eu” é um ser que vive coletivamente, onde estão às semelhanças com o todo.

Em seguida, Chomsky inovou com o gerativismo. Com base na matemática, poucas regras gramaticais promovem uma infinidade de frases e sentidos diferentes. Ele criticava a catalogação estéril da diversidade linguística. Este pensador defendia o foco no todo, nas semelhanças ao invés do foco particular, nas diferenças.

Como exposto, ora os pensamentos abordam o todo e as semelhanças, ora as particularidades e as diferenças. Apesar destas e outras teorias linguísticas, ainda não temos nem uma definição ou concepção de língua. Estudos diversos têm algumas posições que influenciam a concepção de sujeito e de língua.

Na concepção de língua como representação do pensamento, nós temos um sujeito autônomo, senhor absoluto do seu dizer. O texto ou fala é produto dele e ao leitor passivo cabe captar a representação mental ou o sentido daquele.

Na concepção da língua como código, instrumento da comunicação, doutrina do estruturalismo, temos o sujeito submetido ao sistema e o leitor/ouvinte sendo apenas um decodificador do texto. Este é simplesmente o produto da codificação a ser decodificado.



Existencialismo Metafísico

Na concepção sociológica/dialógica/interacional, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, construtores do texto e do sentido.

O sentido do texto também varia conforme a perspectiva teórica que se adote. O mesmo texto pode ser concebido de várias maneiras. Vale dizer, o mesmo texto varia de autor para autor e conforme a orientação teórica adotada. A informação semântica do texto constitui em dois blocos: o dado e o novo, cuja disposição e dosagem interferem na construção do sentido.

O sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele. Ilustrando temos a metáfora do iceberg, em que todo texto tem uma pequena superfície visível e uma imensa área submersa. Para se chegar às profundezas do implícito e extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento. Mesmo assim, construiremos “um” sentido e não “o” sentido.

Estas implicações geraram conflitos. O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein implementou a Filosofia da Linguagem em sua obra “Investigações Filosóficas”. A 1ª fase dele foi uma tentativa de construir uma linguagem ideal. Acreditava que a frase seria uma imagem lógica de um fato e que toda frase teria um significado preciso, correspondente ao que ela representa.

Este projeto afundou. Wittgenstein percebeu que a linguagem e seu uso são mais do que a lógica. As frases não podiam ser entendidas isoladamente e uma dependia de outra. Sua linguagem ideal caía em ambiguidades e contradições, pois as palavras dependiam de seu contexto e não apenas do que ela pode representar. Usuários da linguagem devem dominar a gramática, o vocabulário, regras implícitas e o contexto. O uso da linguagem é decisivo para a constituição do significado.

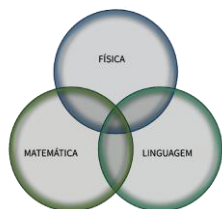
Jaques Derrida inova com a desconstrução de todo texto. Esta ideia promovia um modo especial de ler textos, buscando paradoxos e contradições ocultas. Quando escrevemos, o sentido das palavras depende da relação de significado entre elas e o contexto. Ele usou esta fraqueza das palavras para desconstruir os textos.

Em outra desinformação, o pós-estruturalismo critica o estruturalismo por parecer uma pansofia ou uma espécie de teologia das sociedades. Esta instância imaterial e superior determinaria os destinos humanos. Também criticavam as generalizações em oposição à diversidade. O pós-estruturalismo era cético com as metanarrativas. Estas são reflexões que abarcam todo conhecimento e toda história humana.

As escolas de linguística dividiram o pensamento da linguagem. Ora defendem a forma, ora defendem a função da língua. Os formalistas vêm autonomia no estudo das línguas e uma estrutura que independe da prática dos falantes. Os funcionalistas defendem a função comunicativa das línguas em situações reais.

Realmente as diferenças e as semelhanças parecem inconciliáveis. A diversidade é algo inegável. Entretanto, as ciências, as religiões, as filosofias buscam leis e generalizações dentro do pluralismo. O conhecimento necessita da unicidade de interpretação da linguagem. Nós advogamos que as diferenças buscam individualizar uma entidade dentro de um todo, enquanto as semelhanças buscam a coletivização.

Estudiosos vêm oposição entre as escolas, mas para nós elas são complementares. Enquanto uma foca seu estudo na parte, a outra foca seu estudo no todo. A realidade pode ser dividida na parte e no todo, no micro e no macro, no eu e no



Existencialismo Metafísico

não-eu. Então podemos falar em gramática pessoal e gramática universal, reflexo do eu e do todo.

Em sintonia com o exposto, nós vamos definir a língua como as palavras em interação com o todo (texto e contexto). Ao longo do nosso estudo, vamos defender este conceito e conceitos similares em matemática e lógica.

A linguagem matemática, diferentemente da linguagem humana, tem única interpretação. A lógica também busca unidade de interpretação, mas ela encontra dificuldades por usar a complexa linguagem humana.

Por isto a lógica, quando usa as línguas naturais, sempre fica prejudicada com a linguagem. Mas a linguagem matemática é mais forte. Então o argumento lógico busca o método de uma demonstração matemática: inicia com afirmações (premissas maior), depois passa pelo desenvolvimento dentro de um dualismo (premissas menores) para chegar ao resultado (conclusão). Conectar lógica e matemática têm complicações da linguagem, pois a lógica está sujeita a sutilezas da linguagem. Construir um argumento envolve sempre usar a linguagem com cuidado e precisão.

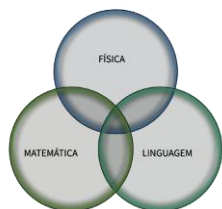
Números e palavras são abstrações arbitrárias. Mas depois de conceituados as relações entre as palavras e entre os números são lógicas. Matemática parece uma espécie de linguagem. Alguns estudiosos asseveram que a gramática e o raciocínio estão relacionados com uma álgebra. Apesar de muitas línguas, todas elas têm estrutura em comum: abstração, evolução, negação e abertura (você pode montar uma frase nunca antes feita e ser compreendida). Estas são características comuns também da matemática. Chomsky mencionou o conceito de gramática universal – princípios que governam todas as linguagens.

Há relações entre gramática e lógica, entre lógica e matemática e, por consequência, entre gramática e matemática. Alguns estudiosos negam relações entre tais disciplinas, mas nos iremos defender as semelhanças, ou seja, os mesmos fundamentos, pois elas têm origem comum. As diferenças são apenas para diferenciar entidades do grupo, ou uma identidade de grupo em relação a outro.

A questão principal é a natureza da matemática. Nós advogamos que ela é uma entidade metafísica. Para fins didáticos, metafísica significa estar além da física. Esta possui uma trindade (tempo-espaço-matéria) que não fazem parte da matemática. A matemática não existe no tempo, nem no espaço e nem materialmente, embora seja utilizada para mensurá-los. Já a gramática trabalha com o espaço-tempo-matéria e circunstâncias diversas. Todos se lembram das orações adverbiais de tempo, lugar, modo, entre outras. Nisto a gramática difere da matemática, pois esta não lida com as circunstâncias. Mas a matemática, igualmente a lógica e a linguagem, são abstrações, ou seja, são metafísicas.

Tais circunstâncias acima mencionadas são variáveis, relativas e não existem no mundo matemático, pois este lida com o absoluto. Entretanto tais variáveis são passíveis de serem quantificadas pela matemática. Digamos que a matemática trabalha com valores absolutos: $3 + 2 = 5$ em qualquer circunstância de tempo, espaço, modo. Chova ou faça sol.

A lógica também trabalha com as circunstâncias. Estas são efêmeras, pois se diluem no tempo. Mas, ainda assim, a lógica é uma tentativa de aproximar a gramática da matemática, o relativo do absoluto, conforme advogamos ao longo da obra.



Existencialismo Metafísico

Nosso sistema filosófico responde ao questionamento grego: existe uma ordem no mundo para a linguagem que segue as semelhanças ou diferenças? O Existencialismo Metafísico irá advogar que em razão do ato da existência da vida e do universo, existe pluralismo, dualismo e monismo absolutos e vários pluralismos, dualismos e monismos efêmeros. Dentro do pluralismo, a partir da definição de uma entidade (onde residem as diferenças), ela passa a interagir com as outras entidades do pluralismo (onde residem as semelhanças). Esta interação passa por dualismos para chegar a um resultado. Esta estrutura funciona para a matemática, a lógica, as linguagens, as pessoas e todas as áreas do conhecimento.

Da mesma forma que a matemática, lógica e a linguagem são entidades e suas interações, nós somos um ser espiritual dentre outros, em interação com outros seres espirituais, em direção a um resultado. Nosso sistema filosófico defende que as entidades, sejam quais forem, passam por regras e pelo dualismo rumo à integração. Enquanto as diferenças atuam nas entidades, as semelhanças atuam no conjunto, no eu-coletivo.

Como a explanação aproximou-se de uma teologia ou mesmo de uma religião, faz-se necessário apresentar este autor. Ele não tem religião, não frequenta templos, não faz qualquer oração, não cultua nenhum deus. Advoga um mundo metafísico e um Criador como as religiões, mas critica suas teologias infantis e seus livros sagrados. Isto pode ser demonstrado em outro livro da lavra deste autor: “Decálogo, Leis Humanas”.

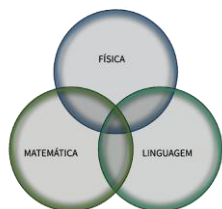
O autor é advogado e delegado de polícia aposentado. Tanto o trabalho de um como doutro é regido por fatos e provas. Assim seu trabalho sempre foi e ainda é pautado por fatos e provas.

Trabalho policial se aproxima da ciência. O trabalho científico em ciências sociais inicia com a observação de um problema (na polícia, com um crime); adota uma hipótese (uma linha de investigação); busca rol de provas em experiências, argumentos para provar, ou não, a hipótese (concluir pelo indiciamento ou não). Em duas palavras é uma defesa de tese. O advogado, evidentemente, defende tese contrária. O que são doutorados senão defesa de tese? O que fazem eles senão levantar hipótese, juntar provas e concluir com a sua defesa de tese? Todos, acadêmicos e juristas, buscam a verdade pela defesa de sua tese.

Vale salientar que se pode ver claramente a estrutura de nosso sistema em trabalho policial ou científico. Dentre várias observações científicas ou crimes (pluralismo), qualquer uma delas passa pelo dualismo (provas contra e a favor da hipótese ou suspeito) para se chegar a um resultado ou indiciamento do suspeito. Igualmente as defesas de tese passam pela antítese para chegar à síntese, a conclusão.

Como todo cientista, este autor se especializou (em ciências criminais). As ciências se multiplicam num caos especialista. Mas até a especialização busca conectar com o todo. Busca ligar o micro ao macro. O que são as defesas de teses e dissertações senão conectar o micro ao macro, a ciência à filosofia, o pensamento analítico ao pensamento sintético. Indução e dedução estão no centro do pensamento racional. Cada análise deve passar pela triagem da síntese.

O pensamento sintético sempre atrai, pois as especializações da ciência rumam ao infinito e além. A filosofia deveria buscar um pensamento unificador que alcance a tudo e a todos. Não uma especialização para poucos. Porém a ciência e a tecnologia



Existencialismo Metafísico

triunfaram depois da revolução industrial e a filosofia fixou endereço na Academia. Hodiernamente ela tende ao especialismo, ao hermetismo e ao ceticismo. A fragmentação da filosofia promoveu a falência de grandes sistemas filosóficos e de uma unificação.

Todavia grandes filósofos do passado sempre procuraram a unificação, a sistematização e não a fragmentação. Spinoza buscava perceber unidade na diversidade, encontrar a síntese na qual os opostos e contradições se encontrassem e se fundissem. Comênio dedicou grande parte de sua vida a unificação da totalidade do conhecimento humano. Seu pensamento último era a compreensão universal que uniria toda humanidade. Esta base filosófica ele denominou Pansofia, um princípio que harmonizasse todo o saber. Pensadores sempre buscaram uma chave para o conhecimento de todas as coisas, uma teoria para explicar todo o funcionamento do mundo, uma ciência que abarcasse todo o universo.

Modernamente a física, ciência da onda, busca a teoria do tudo. Uma equação para integrar todas as forças do cosmo. Tivemos até um candidato a tal façanha: Stephen Hawking, físico inglês, aquele cientista de voz mecanizada e todo deformado fisicamente. Hawking declarou a morte da filosofia, mas não chegou a nenhuma equação do tudo e nem a uma equação do nada.

De fato, a ciência e a tecnologia venceram e a vida passa a ser uma máquina. As pessoas não desgrudam de seus celulares. Sonham com carros caros, casas grandes. Em contato com pessoas, com a mídia, principalmente a Tv, percebe-se que o sentido da vida é um consumismo exagerado e sem sentido. O auge da vida é ser uma celebridade, seja atleta, cantor, ou ator, mesmo que vazios de conteúdo. A superficialidade impera junto à ciência.

Precisamos mudar esta realidade. Esta obra tem pretensões de conexão e síntese. Adotará conceitos simples, conhecidos e sem delongas em conceitos, citações científicas e filosóficas. Também tem pretensões de busca de verdades eternas, como dizia Platão. Tem pretensões de unificação do conhecimento. Tem pretensões de buscar o “porquê” dos fenômenos, já que as ciências só podem dizer o “como” dos fenômenos. Visa uma síntese filosófica não somente com base em provas e fatos, mas também com base na razão e em argumentos científicos, filosóficos e teológicos, desde que não contraditórios ou paradoxais.

A ideia foi considerar todos os conhecimentos naquilo que são fortes, desprovidos de paradoxos. Naquilo que forem contraditórios descartamos pelo princípio do conjunto probatório.